



**DIAGNÓSTICO SÓCIO-AMBIENTAL
DA RESERVA INDÍGENA
GUATÓ-ILHA ÍNSUA
CONTRIBUIÇÕES DE UM
ARQUEÓLOGO**

Jorge Eremites de Oliveira

UFMS ó *Campus* de Dourados/DCH/Laboratório de Arqueologia, Caixa Postal 322,
CEP 79.825-070, Dourados-MS (Brasil). Correio Eletrônico: eremites@zaz.com.br.

Pesquisas recentemente realizadas na Reserva Indígena Guató, a Ilha Ínsua, atestam que os índios que ali vivem estão sobrevivendo basicamente da exploração dos recursos naturais existentes na área e de uma agricultura de subsistência. O meio ambiente da reserva possui grande diversidade e até o presente momento sofreu poucos impactos negativos em consequência da ocupação indígena e não-indígena. A ilha possui grande potencial para a implementação de atividades econômicas alternativas, de acordo com parâmetros de desenvolvimento sustentável, tais como: maior implementação da pesca, aumento da produção agrícola, beneficiamento de algumas espécies cultivadas, exploração econômica de palmeiras ônativasö, artesanato e ecoturismo.

Palavras-Chave: Índios; Guató; Pantanal; Desenvolvimento Sustentável.

*Recent research at the Guató Native Reservation located in ðIlha Insuaö (Insua Island), indicate that the native people that live there are surviving basically through exploration of the existing natural resources of the area and through subsistence agriculture. The environment at the Reservation contains a great diversity and has, until today, suffered few negative impacts as consequence of the Indian and non-Indian occupation. The island has great potential for the implementation of alternative economic activities, according to parameters of sustainable development, such as: increase in fishing activities, and agriculture production, improvement of some crops, economic exploitation of native palm trees, crafts and ecotourism.**

Key Words: Indians; Guató; Pantanal; Sustainable Development.

* Tradução de Martin Giesso.

ãAinda acredito que se houvesse um local destinado aos Guató na beira do rio, em pouco tempo formar-se-ia um aglomerado de famílias, o que facilitaria não só a recuperação desse grupo em termos de valores humanos, como também o atendimento as suas necessidades imediatasõ.

Adair Pimentel Palácio
(Palácio, 1984, p. 2)

Este artigo foi concluído a partir do texto que elaborei para uma palestra proferida no *Seminário õÁreas de Desarrollo Indígena*, realizado no período de 13 a 15 de agosto de 1997 no Instituto de Estudios Indígenas da Universidad de la Frontera, em Temuco, Chile. Na ocasião foram apresentados os resultados preliminares das investigações realizadas pelos pesquisadores que participaram do projeto **Diagnóstico Sócio-ambiental da Área Indígena Guató ó Ilha Ínsua**.

O referido projeto de pesquisa foi viabilizado através de um convênio de mútua cooperação, firmado em 1996, entre a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e a organização não-governamental Ecologia & Ação (ECOA); esta última entidade esteve representada pelo Centro de Ação Ambiental do Pantanal, sediado na cidade de Corumbá (MS). O objetivo maior que norteou as atividades do proje-

to foi a conclusão de um primeiro diagnóstico sócio-ambiental da área correspondente à Reserva Indígena Guató. Este diagnóstico, ainda que preliminar, poderá servir de base para o desenvolvimento de atividades econômicas sustentáveis a serem implementadas junto à comunidade indígena da reserva, isto é, constituir-se-á em uma possibilidade para o estabelecimento de parâmetros que possam orientar formas alternativas de desenvolvimento sustentável para os Guató, sempre, é claro, em conformidade com seus valores e tradições culturais.

A área de pesquisa limita-se à porção da Ilha Ínsua que compreende a Reserva Indígena Guató, localizada no município de Corumbá, entre as lagoas Gaíva (ou Gaíba) e Uberaba, na região do Pantanal Matogrossense, próxima à divisa com o Estado de Mato Grosso e situada *grosso modo* entre os paralelos de 17°32' a 17°39' de latitude Sul e os meridianos de 57°49' a 57°40' de longitude Oeste de Greenwich.

Para o desenvolvimento das pesquisas foi constituída uma equipe interdisciplinar que contou com a participação de profissionais de várias áreas do conhecimento, em sua maioria docentes da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul: Arqueologia (Pré-História, Etnoarqueologia e Etnoistória), Biologia (Botânica, Ecologia e Educação Ambiental) e Geografia (Cartografia e Sensoriamento Remoto). As pesquisas de campo foram desenvolvidas e o relatório final está em fase de conclusão.

De maneira específica, o projeto propôs-se a atingir as seguintes metas:

a) Resgatar informações referentes à cultura tradicional e à história Guató;

b) Investigar as relações existentes entre os processos de produção e a biodiversidade da área;

c) Conhecer as formas tradicionais de produção e de comercialização, principalmente a identificação dos recursos que atualmente são manejados pela comunidade;

d) Realizar um levantamento fitofisionômico e de uso e ocupação da terra.

Para atingir essas metas foram estabelecidos alguns princípios metodológicos básicos, quais sejam:

a) Coleta de dados sobre os usos da flora e da fauna locais a partir de aportes da Etnobiologia;

b) Resgate de dados gerais da história Guató através de informações orais e da análise da documentação textual disponível, incluindo aí a bibliografia etnológica e arqueológica;

c) Levantamento fitofisionômico e de uso e ocupação da terra por meio do estudo de fotografias aéreas, imagens de satélite e mapas existentes, cujos dados foram complementados com informações obtidas em campo;

d) Registro fotográfico da área e da comunidade.

Isto posto, é importante deixar claro o seguinte: em nenhum momento os pesquisadores do projeto tiveram a pretensão de gerar falsas expectativas junto à comunidade indígena, isto é, alimentar a idéia de que os resultados obtidos seriam a solução para seus problemas mais imediatos e urgentes (Araújo, 1998).

Espera-se que as idéias aqui apresentadas possam estimular uma maior discussão acerca do assunto em pauta, pois o desenvolvimento de atividades econômicas alternativas é uma necessidade iminente para muitas populações indígenas que buscam novos caminhos para sua sobrevivência diante da realidade sócio-econômica, ecológica e cultural advinda do processo de conquista e colonização.

QUEM SÃO OS GUATÓ?

Os Guató constituem um grupo étnico diretamente filiado ao grande e hipotético tronco lingüístico Macro-Jê, do qual fazem parte muitos grupos que se estabeleceram na América Tropical, como os das famílias lingüísticas Jê, Bororo, Botocudo, Karajá e Maxakalí; ficaram conhecidos historicamente como *índios canoieiros* devido ao fato de sua mobilidade espacial depender, quase que exclusivamente, do uso de canoas como meio de transporte na planície de inundação do Pantanal. Tradicionalmente os Guató organizam-se em famílias nucle-

ares e autônomas umas em relação às outras, o que os distingue de outros grupos que se organizam em grandes aldeias, a exemplo dos Guarani e Terena.

Estes índios canoieiros foram estudados pelo etnólogo alemão Max Schmidt (1912, 1942a e 1942b) nos anos de 1901, 1910 e 1928, cujas obras publicadas são referências obrigatórias para o conhecimento da Arqueologia da região, Etnologia e História do grupo. Posteriormente, foram estudados por Palácio (1984) e, mais recentemente, por Oliveira (1996).

Os Guató encontram-se estabelecidos na região pantaneira há mais de 500 anos, sendo mencionados, por exemplo, nos conhecidos *Comentários* do conquistador espanhol Alvar Nuñez Cabeza de Vaca (1984), que ali esteve em 1543. Todavia, dados arqueológicos, etnográficos e históricos contidos em Oliveira (1996), acrescidos de informações obtidas através de pesquisas arqueológicas e etnoarqueológicas que estão sendo realizadas na região do Morro do Caracará (sub-região do Pantanal de Poconé, município de Poconé, em Mato Grosso), possibilitam pensar que talvez os Guató estejam no Pantanal há mais de 800 anos.

No período colonial, época em que espanhóis e portugueses penetraram na região, sobretudo a partir da primeira metade do século XVIII, os Guató perderam grande parte de seu território tradicional, apesar da resistência imposta aos conquistadores ibéricos. Mas esta resistência tem sido negada pela historiografia, que normalmente os retrata como *pacíficos*, *mansos* e *pacatos*, sempre em oposição aos Payaguá que, por sua vez, são retratados como *bravos*, *selvagens* e *guerreiros*. Trata-se de uma idéia simplista, uma invenção historiográfica, que tem sido repetida por historiadores e antropólogos, embora sempre sem maiores pesquisas que possam sustentar tal ponto de vista. Darcy Ribeiro, por exemplo, também corroborou esse pensamento quando afirmou o seguinte: *õOs canoieiros Guató jamais constituíram obstáculo tão sério como os Payaguá e foram logo dominadosõ* (Ribeiro, 1986, p. 93) [grifo meu]. Contudo, em Oliveira (1996)

há citações de relatos de cronistas do período colonial que questionam esta idéia. Na verdade, um estudo específico e aprofundado sobre a história dos Guató ainda está por ser apresentado ao público.

A partir do século XIX, esses índios passaram a manter um contato mais intenso com a sociedade envolvente, sobretudo com a brasileira; chegaram inclusive a participar, do lado do exército brasileiro, do episódio da chamada *Guerra do Paraguai*. Desde o início do século XX foram cada vez mais forçados a deixar seu território tradicional, o qual na maioria das vezes deu lugar a fazendas de gado. Diante desta situação, muitos Guató foram viver na periferia das cidades da região, como é o caso de Corumbá (MS) e Cáceres (MT), incorporando-se à massa de proletários e subempregados. Outros índios foram trabalhar nas fazendas de gado ou passaram a viver nas margens do rio Paraguai, mantendo um contato mais intenso com a sociedade nacional, fato este que causou a assimilação de muitos Guató.

É importante registrar que parte da chamada *população tradicional do Pantanal* é composta de descendentes diretos dos Guató. Entre julho de 1997 e julho de 1998, tive a oportunidade de manter contato com algumas dessas famílias que vivem às margens do rio Paraguai, desde Corumbá até sua confluência com o São Lourenço, e em algumas fazendas da região. A maioria dessas famílias não se identifica como Guató, mas reconhece que seus pais e/ou avós eram índios. Há casos em que as pessoas já perceberam que ser descendente de Guató não é algo pejorativo e passaram a se identificar como seus descendentes. Isto significa, dentre outras coisas, que o modo de vida da *população tradicional do Pantanal* também apresenta uma série de antecedentes indígenas, sobretudo do ponto de vista da adaptabilidade humana: subsistem basicamente da pesca (inclusive construindo canoas ao estilo Guató) e de uma agricultura sazonal (mandioca, milho, abóboras etc.).

Apesar disso tudo, surpreendente é que, entre o início da segunda metade deste século e meados dos anos 70, os Guató foram oficialmente tidos como *extintos* pelo governo brasileiro. Isto foi uma espé-

cie de *etnocídio a esferográfica*, uma vez que o então SPI (Serviço de Proteção ao Índio), atual FUNAI (Fundação Nacional do Índio), não havia realizado qualquer levantamento demográfico na região para verificar quantas pessoas (ou *almas*, como alguns gostam de mencionar) ali viviam, fato este que não estranhamente também ocorreu com outras etnias no Brasil. O próprio Darcy Ribeiro, em trabalho mais antigo do que o anteriormente citado, afirmou que na década de 50 os Guató já estariam extintos: *õViviam à margem do rio Paraguai, subindo às vezes o rio São Lourenço, no Estado de Mato Grosso. (Extintos)õ* (Ribeiro, 1957, p. 74) [grifo meu]. A afirmação de Ribeiro (1957) teve por base os dados contidos nos arquivos do SPI, o que não justifica o equívoco em confiar por demais em documentos oficiais e não fazer a devida crítica a eles.

Apesar disso tudo, em fins dos anos 70 e início da década de 80, graças ao apoio que inicialmente tiveram de missionários salesianos (Ir. Ada Gambarotto e Pe. Osvaldo Scotti), os Guató iniciaram um processo de resgate e fortalecimento de sua identidade social, reorganização do grupo e reivindicação pela posse da Ilha Ínsua (que levou mais de uma década até que o governo oficialmente reconhecesse a ilha como área indígena Guató). Um dos maiores impasses à transformação da área em reserva indígena foi criado pelo exército brasileiro que, por possuir um destacamento militar na área (o destacamento de Porto Índio), posicionou-se contrário à reivindicação legítima dos índios; dentre outras alegações apresentadas, a principal foi a de que a ilha situa-se em uma região de fronteira com a Bolívia e que a criação de uma reserva poderia colocar em risco a soberania nacional. A alegação apresentada faz pensar em um certo resquício do velho discurso de segurança nacional, característica dos regimes militares latino-americanos desta segunda metade de século. Mas o fato é que, passada a tempestade, as partes interessadas (o alto escalão do exército e os índios Guató) chegaram a um entendimento e grande parte da ilha foi transformada em reserva indígena e uma parte menor continua sendo ocupada pelo exército. Atualmente índios e militares ali vivem, aparentemente, sem maiores conflitos, pois,

ao que se sabe, os Guató não reivindicaram a saída do destacamento militar da ilha; ao contrário, nestes últimos 20 anos sempre tiveram os militares de Porto Índio como seus aliados.

Registra-se ainda que durante o processo de reconhecimento da Ilha Ínsua como área indígena e da transformação de parte dela na Reserva Indígena Guató, um fazendeiro que arrendava do exército um parte da ilha, e que ali constituiu a fazenda Bela Vista do Norte, teve de abandonar a área. Atualmente, há informações de que o fazendeiro havia retornado para a área por determinação judicial. Segundo informações que recebi de moradores da reserva, na época em a referida fazenda estava em atividade houve alguns problemas com os índios devido, dentre outros motivos, ao fato do gado do fazendeiro invadir as roças das famílias Guató.

Por tudo o quanto foi explicado, constata-se que a situação dos Guató é um tanto quanto *sui generis* na história das populações indígenas sul-americanas. Após terem sido declarados extintos, renasceram das cinzas quase que como uma fênix; não contentes, reorganizaram-se e conseguiram o que parecia impossível há 30 anos: retornar para parte de seu território tradicional usurpado pela chamada sociedade nacional. Hoje em dia os Guató estão passando por um processo de fortalecimento de sua etnicidade e, para aqueles que nasceram ou viveram a maior parte de suas vidas no meio urbano, de resgate da própria identidade social.

AS ATIVIDADES REALIZADAS E AS AVALIAÇÕES PRELIMINARES

Durante o mês de julho de 1997, duas expedições científicas foram realizadas para a Ilha Ínsua. Nas duas ocasiões foram desenvolvidas as seguintes atividades:

a) Aplicação de questionários a aproximadamente 70% das famílias que vivem na reserva, cujos dados obtidos estão sendo organizados e deverão estar contidos e interpretados no relatório final do projeto;

b) Levantamento fitofisionômico parcial e de uso e ocupação da terra;

c) Pesquisa botânica sobre o uso medicinal de plantas;

d) Avaliação arqueológica parcial da área ocupada pelas famílias.

Cabe explicar que os questionários aplicados tiveram o propósito de coletar dados sobre questões específicas, tais como:

a) *Caracterização das famílias*: nome e idade das pessoas, filiação, número de filhos, local de nascimento, se já residiu ou possui algum parente na cidade, tempo de residência na ilha, óbitos e nascimentos na reserva, escolaridade, doenças e tipos de medicamentos utilizados em casos de enfermidade;

b) *Caracterização das propriedades*: tamanho da área, número de casas, vias de acesso, meios de transporte, localização, aspirações e necessidades infra-estruturais, exploração de recursos florísticos e faunísticos para a subsistência, técnicas empregadas no cultivo, espécies cultivadas e criação de animais;

c) *Caracterização da produção*: tamanho da área cuja vegetação foi derrubada para o plantio, formas de desmatamento e aproveitamento das árvores derrubadas, produção de artesanato, tipos de cultivos, consumo e comercialização da produção, frutas mais cultivadas, formas de preparar a terra, aspectos dos solos, dificuldades enfrentadas para a produção, formas de comercialização de produtos, aspirações e necessidades infra-estruturais para o aumento e diversificação da produção;

d) *Caracterização dos relacionamentos*: parentes que residem na ilha, formas de reciprocidade, organização das pessoas para a produção agrícola, procedimentos em caso de parentes que adoecem, reuniões festivas, participação nas decisões da comunidade e opinião sobre o papel das lideranças para o bem-estar da comunidade;

e) *Outras observações necessárias*.

Apesar do relatório final ainda não ter sido concluído, algumas avaliações preliminares podem ser feitas. Em primeiro lugar, é fato

que as famílias estão assentadas sobre sítios arqueológicos associados diretamente a sua etnia, ou seja, estão ocupando pontos onde viveram seus antepassados desde tempos imemoriais. São sítios de grandes extensões, com milhares de metros quadrados, podendo apresentar em suas camadas arqueológicas evidências materiais da presença pretérita de populações acerâmicas que ocuparam a planície de inundação do Pantanal desde, ao menos, há 8.000 anos. Tais evidências, se realmente existem, estão sobrepostas por ocupações de populações canoieiras ceramistas mais recentes, cujas datas mais antigas podem estar entre 3.000 e 2.000 anos atrás, sendo os Guató os únicos sobreviventes de todos os grupos canoieiros que ocuparam a região platina, muitos dos quais mencionados nos importantíssimos estudos de Susnik (1972 e 1978). A espessura do total das camadas culturais dos sítios localizados nas margens do canal D. Pedro II (também conhecido pelos bolivianos como rio Pando) e da lagoa Uberaba devem ultrapassar 2 m. Nesses sítios há grande quantidade de material arqueológico na superfície, sobretudo fragmentos de vasilhame, o que pode ser um indicador da intensidade e continuidade da ocupação indígena da área; a cerâmica que ali observei lembra a da Tradição Pantanal que ocorre nas sub-regiões dos pantanais de Abobral e Miranda e nas proximidades das cidades de Corumbá e Ladário (MS). Há ainda o registro da ocorrência de grandes vasilhas cerâmicas em alguns pontos da reserva, as quais lembram urnas funerárias, mas que não pertencem às tradições atualmente conhecidas para o Pantanal; uma dessas vasilhas foi retirada da área nos anos 70 pelo Pe. Osvaldo Scotti e encontra-se no Museu Dom Bosco, em Campo Grande, sendo, ao meu ver, um indicador de que no passado outros grupos ocuparam a região.¹

¹ O levantamento de sítios arqueológicos não foi um dos objetivos do projeto de pesquisa. Por isto e por ainda não dispor de autorização do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e da FUNAI para a realização de pesquisas arqueológicas na região, fiz apenas uma prévia avaliação do potencial da área para futuras pesquisas arqueológicas e etnoarqueológicas, sem realizar qualquer tipo de intervenção nos sítios.

Em toda a reserva somente uma pessoa fala a língua Guató; trata-se de Zulmira, uma índia que possui mais de setenta anos de idade e que não faz uso diário de sua língua nativa por não ter com quem conversar. Aqui se constata um sério problema a ser resolvido: caso não se faça um trabalho de educação bilíngüe urgente, é provável que a língua Guató seja extinta e, com sua extinção, será extinto também parte do modo de ser e pensar tradicionais dos Guató.

Foi possível constatar ainda que algumas famílias estavam com um tipo de doença dermatológica chamada vulgarmente de *cobreiro*. Esta doença pode estar associada com o contato direto que as pessoas mantêm com animais domésticos, como cães, ovelhas e porcos. A cegueira também apresenta-se como um grave enfermidade para algumas pessoas; ela parece ser decorrente de catarata adquirida a partir da exposição excessiva dos olhos aos raios ultravioleta, sobretudo em momentos de pescaria diurna. Há um caso na ilha de uma índia que está cega, a Guató Cândida, e cuja pupila está coberta por uma espécie de membrana de coloração cinza. Caso semelhante é o da índia Júlia, uma anciã que vive na margem esquerda do rio São Lourenço, nas proximidades da sede do Parque Nacional do Pantanal Matogrossense. Os Guató Pedro (que foi meu informante) e João Quirino, já falecidos, também sofreram de cegueira. Este tipo de doença tem sido constatado desde muito tempo por viajantes e pesquisadores e pode ser explicado de várias maneiras, segundo informações obtidas de um oftalmologista: os Guató podem ter uma predisposição genética para a catarata; trata-se de uma doença conseqüente da ação de raios ultravioletas nos olhos dos índios; ou, o que talvez seja mais provável, as duas possibilidades associadas. Outras pessoas ainda poderão ficar cegas decorrente da catarata, como é o caso do índio José, irmão e Veridiano e Júlia, filho do conhecido João Caetano, que vive no Morro do Caracará, dentro da área do referido Parque. Esta doença é conhecida regionalmente como *catarata de pescador* e também foi registrada por Palácio (1984).

Contudo, de uma maneira geral as famílias aparentemente vivem bem, ao menos em termos de alimentação; desenvolvem uma

economia de subsistência que tem causado poucos impactos negativos (diretos e indiretos) sobre o meio ambiente, pois cada família desmatou em média cerca de dois hectares de terra para fins de cultivo. O maior impacto observado foi sobre a fauna da região, porque é comum as pessoas reclamarem da escassez de animais comumente utilizados na alimentação, com destaque para a capivara (*Hydrochaeris hydrochaeris*), o mamífero mais apreciado e consumido na ilha. No entanto, uma das questões apontadas para explicar esta realidade foi um grande incêndio ocorrido há alguns anos na região, motivo da morte de muitos animais. Mas hoje em dia já é perceptível a recuperação da fauna que existia antigamente, como a de pequenos mamíferos, répteis e aves.

Cada família da ilha vive separada das demais e possui sua própria área cultivada. Há um caso em que o pai possui uma *roça* e seu filho outra. Esta é uma das principais características da forma tradicional de organização social dos Guató: a de famílias nucleares autônomas umas em relação às outras. Isso, todavia, não significa a inexistência da reciprocidade como forma de coesão do grupo.

As famílias subsistem basicamente da pesca (principal fonte para obtenção de proteína animal), caça (principalmente capivara) e pequenas áreas de cultivo onde plantam abóboras (cucurbitáceas), mandioca (*Manihot* sp.), cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum*), bananas (*Musa* spp.), batata (*Solanum tuberosum*), feijões (leguminosas) e outras espécies; Bortolotto & Damasceno Júnior (1998) apresentam uma interessante relação de dezenas de espécies florísticas utilizadas pelos Guató da Ilha Ínsua. Não raras vezes as pessoas reclamaram das dificuldades encontradas em pescar algumas espécies que mais apreciam, como o pacu (*Piaractus mesopotamicus*), antigamente abundante na lagoa Uberaba e atualmente um tanto quanto escasso. Esta escassez de peixes considerados *nobres*, como é o caso do pacu, deuse, dentre outros motivos, pelos impactos negativos que o turismo tradicional e desorganizado tem causado sobre os recursos ictiofaunísticos do Pantanal.

Há ainda outra questão importante: tendo em vista que a densidade populacional da reserva tende a aumentar em curto espaço de tempo, num futuro não muito distante será necessário um estudo metuculoso acerca da capacidade de suporte da área para fins de desenvolvimento de atividades econômicas compatíveis com as novas realidades demográficas que existirão em poucos anos.

Cabe explicar que as pesquisas realizadas no âmbito do projeto **Diagnóstico Sócio-ambiental da Área Indígena Guató ó Ilha Ínsua** têm despertado o interesse de outros profissionais que desenvolverão pesquisas na reserva. Com isso, será possível concluir um diagnóstico sócio-ambiental mais apurado da reserva e, futuramente, implementar outros projetos junto aos Guató.

ELEMENTOS PARA DISCUSSÕES

Algumas idéias de projetos futuros que busquem viabilizar atividades econômicas alternativas e sustentáveis na reserva indígena foram e estão sendo discutidas pela equipe. Posteriormente, as idéias serão apresentadas aos Guató para um melhor amadurecimento de suas possibilidades e limitações.

A primeira idéia ocorrida foi a possibilidade de aumentar a produção e iniciar o beneficiamento de algumas espécies florísticas domesticadas, como as bananas, e de algumas espécies de palmeiras õnativasõ da região, como a bocaiúva (*Acrocomia balansae*) e, menos provavelmente, a acuri (*Scheelea phalerata*). Em ambos os casos, são espécies que possuíam grande importância para a subsistência dos Guató no período anterior ao contato com as sociedades ibéricas. O aumento da produção de bananas é uma possibilidade mais imediata, embora seu armazenamento e o processo de beneficiamento em vários produtos, como a banana desidratada, implicará na implantação de recursos energéticos alternativos, a exemplo de placas solares ou cataventos destinados à produção de energia, o que em um primeiro momento parece mais difícil face aos custos de um projeto desta envergadura. O escoamento e a comercialização do excedente

da produção, por outro lado, poderá ser feito nas cidades da região ou para fins de exportação através de canais estabelecidos com organizações não-governamentais. No caso das palmeiras, será preciso, dentre outras coisas, um estudo sobre o manejo, a conservação e a melhor forma de exploração dessas espécies, das quais é possível aproveitar os frutos (polpa e amêndoa), o palmito, as palmas e as fibras contidas nos cachos, conforme se constata no trabalho de Oliveira (1998).

Outra idéia levantada diz respeito à produção de artesanatos tradicionais. Na ilha há pessoas que possuem grande habilidade na fabricação de artefatos de madeira e cestaria, principalmente, para uso doméstico e de subsistência. Caso as técnicas empregadas na fabricação desses artesanatos sejam ensinadas para um número maior de pessoas, será possível comercializar o artesanato nas cidades, além de ser uma forma de manutenção de elementos da cultura material tradicional do grupo, fortalecendo dessa forma sua própria identidade social. Em Mato Grosso do Sul está é uma prática entre os Kadiwéu, Terena e Guarani, que comercializam artesanatos diversos em várias cidades do Estado.

A equipe também tem iniciado discussões sobre as possibilidades futuras de viabilização de um projeto de ecoturismo (ou etnoturismo) para a reserva indígena. Esta parece ser a discussão mais delicada. Neste sentido, é pertinente explicitar o que se entende por ecoturismo: õ[...] um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidasõ (Barros, 1995, p. 19).

A reserva apresenta-se como uma área de grande biodiversidade e até o presente momento sofreu poucos impactos ambientais negativos, isto é, grande parte da ilha está preservada em termos faunísticos e florísticos, constituindo um potencial para a atividade de ecoturismo. Por outro lado, a própria cultura Guató ainda é pouco conhecida pela população não-indígena. Este também é um elemento a ser considerado para um turismo desse nível, pois o conhecimento do *outro* é ques-

tão importante em nossos dias, um elemento fundamental que estimula o turismo em diversas partes do mundo. A área ainda apresenta um grande potencial arqueológico que também pode favorecer a longo prazo a atividade de turismo, como aliás já ocorre no Nordeste do Brasil (principalmente em São Raimundo Nonato) e muitos outros países americanos, como é o caso do México, Guatemala e Peru ó locais onde se desenvolveram as chamadas *altas culturas* ó, embora exija muitos estudos e planejamento prévios. A idéia inicial é a de que o ecoturismo seja uma atividade de turismo contemplativo direcionada para um público específico, como por exemplo estudantes e professores universitários, especialistas em questões indígenas e outras pessoas que queiram conhecer a cultura Guató e a região do Pantanal, isto é, para pessoas que queiram realizar uma viagem responsável a uma área indígena com a finalidade de conservar o meio ambiente e promover o bem estar da população Guató.

Por ser esta uma questão delicada, não deve ser permitida a presença de pessoas que queiram ir à área com o intuito de depredar o meio ambiente local (como é o caso de muitos turistas que anualmente õvisitamõ o Pantanal para realizar pescarias), destruir o patrimônio arqueológico da área ou com atitudes de intolerância e agressão em relação às diferenças culturais que existem entre as sociedades não-indígenas e a etnia Guató.

Mas como desenvolver uma atividade desse tipo na Ilha Ínsua?

Aqui não tenho o propósito de apresentar uma fórmula pronta e acabada sobre o assunto e sim estimular o aprofundamento da discussão iniciada. O fato é que tudo deve ser pensado a partir do ponto de vista dos mais interessados ó os próprios Guató ó, pois caso contrário corre-se o risco do insucesso total de um projeto desta natureza. No caso, o controle dessa atividade deve ser feito pela própria comunidade a partir de uma orientação e assessoria de profissionais especializados no assunto. Neste sentido, tornar-se-á fundamental uma estrutura mínima de transporte e hospedagem aos turistas: embarcações, alimentação, alojamento etc. De maneira alguma esta será uma atividade que

poderá causar impactos socioculturais diretos, indiretos e negativos à população, ao meio ambiente e ao patrimônio arqueológico da reserva. O princípio não é que os Guató sejam enquadrados aos valores culturais dos turistas (não-índios), mas que esses possam vivenciar o modo de ser Guató como ele de fato é. Por isso, para exemplificar, não se pode pensar em hospedagens luxuosas, mas em habitações típicas e confortáveis ao estilo local, construídas com matéria-prima existente na própria reserva. Ademais a própria FUNAI deverá participar dessas discussões.

Um exemplo interessante, ao menos em nível de experiência, de um projeto deste nível é o **Programa Piloto de Ecoturismo em Áreas Indígenas** que está sendo executado para a região amazônica pela Associação Brasileira de Ecoturismo (ECOBRAZIL). Trata-se de um projeto promovido pelo Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos e da Amazônia Legal, com apoio do Ministério da Justiça e da FUNAI, contando ainda com cooperação técnica internacional da Organização dos Estados Americanos (OEA) e do Programa para Ações Estratégicas para a Amazônia Brasileira (PRODEAM).

O objetivo geral do projeto é analisar a viabilidade operacional e econômica do ecoturismo em bases sustentáveis, em áreas indígenas, através do desenvolvimento de uma experiência piloto com comunidades que tenham interesse, potencial e vocação, visando dar alternativas econômicas para a melhoria da qualidade de vida, promovendo ao mesmo tempo a conservação do patrimônio ambiental e cultural (Mourão, 1997 p. 1).

A idéia é de que esta possa ser mais uma atividade econômica viável e sustentável para a comunidade. Assim, as experiências adquiridas na Amazônia também serão de grande utilidade para a região do Pantanal. De qualquer maneira, defendo a idéia de que a implementação do ecoturismo na reserva deverá ser planejada a partir de *Estudos de Impacto Ambiental ó Relatório de Impacto Ambiental (EIA-RIMA)*, sob pena desta atividade econômica causar sérios impactos sócio-econômicos e culturais à comunidade indígena da ilha, bem como ao

patrimônio arqueológico ali existente. Mais: a elaboração de EIA-RIMA deverá ser feita a partir de sérios estudos feitos por vários especialistas, exigência esta que extrapola os limites dos recursos humanos disponíveis para a realização do projeto ora em discussão.

Por outro lado, a pesca enquanto atividade econômica viável já é desenvolvida na reserva. Os Guató pescam na lagoa Uberaba e adjacências e comercializam o pescado em Corumbá, usando como transporte uma embarcação própria que possuem, a *lancha* õGuató Iô. Uma das dificuldades enfrentadas pela comunidade neste tipo de atividade diz respeito ao armazenamento do pescado e, por isso, a implementação de um projeto que possibilite a aquisição de uma câmara frigorífica poderá ser a solução imediata para o problema.

As discussões deste item estão abertas e as idéias são bem-vindas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos realizados foram de grande importância para o projeto de pesquisa ora em andamento; oferecem aportes para as próximas expedições de campo e sugestões para futuros projetos de pesquisa que poderão ser desenvolvidos na Ilha Ínsua. Para tanto, a manutenção do convênio firmado entre a ECOA e a UFMS, que possibilitou a realização do projeto **Diagnóstico Sócio-ambiental da Área Indígena Guató ó Ilha Ínsua**, poderá ser de grande importância, desde que, é claro, haja interesse de ambas as partes.

Do ponto de vista da Arqueologia, é possível realizar um levantamento de sítios arqueológicos existentes na área, a partir de informações orais e investigações em campo. É possível ainda realizar um estudo etnoarqueológico da cultura material Guató, de suas habitações, dos restos de alimentos relacionados ao processo de formação de sítios arqueológicos, espécies florísticas manejadas na área, dentre outras questões que possuem interesse para o conhecimento de sua adaptabilidade ecológica aos ecossistemas pantaneiros ô questão esta que pode subsidiar futuros projetos de desenvolvimento de atividades econômicas alternativas e sustentáveis para a região do Pantanal.

No que se refere à língua Guató, uma das tarefas urgentes seria a de iniciar um projeto que tenha por objetivo o resgate da língua Guató para que ela possa ser ensinada às demais pessoas que não a dominam, principalmente às crianças. Entretanto, como os que dominam a língua Guató são tão poucos e já bastante idosos (geralmente anciãos), se um projeto dessa envergadura não for concluído ainda nesta década, talvez a língua do grupo venha a ser perdida para sempre, exceto pelos estudos realizados, como os de Palácio (1994).

Por tudo o quanto foi dito, as perspectivas de novas pesquisas são de grande estímulo e desafio. Há pouco tempo somente dois pesquisadores haviam tido interesse por realizar estudos junto aos Guató. Hoje em dia existe um número maior, com possibilidade de crescimento qualitativo. Os estudos já concluídos e aqueles que o poderão ser num futuro não muito distante, são de grande importância, pois podem subsidiar a implementação de projetos de pesquisa e políticas públicas de apoio à comunidade Guató.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, R. M. P. 1998. *Relatório Anual do Centro Ação Ambiental do Pantanal ó 1997*. Corumbá : Centro de Ação Ambiental do Pantanal-ECOIA, Jan. (não publicado)
- BARROS, S. M.; PENHA, D. H. M. de la (Coord.). 1995. *Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo*. Brasília : EMBRATUR/IBAMA.
- BORTOLOTTI, I. M.; DAMASCENO JÚNIOR, G. A. 1998. *O Uso de Plantas e Animais pelos Índios Guató, Ilha Ínsua, Pantanal Mato-grossense*. Corumbá : UFMS-CEUC/ECOIA-CAAP. (não publicado)
- CABEZA DE VACA, A. N. 1984. *Naufraágios y Comentários*. Edición, introducción y notas de Roberto Ferrando. 2ª ed. Madrid : Raycar. (Historia, Crónica de América, 3)
- MOURÃO, R. M. de F. (Coord.). 1997. *Programa Piloto de Ecoturismo em Áreas Indígenas*. Internet : www.ecobrasil.org.br [Associação Brasileira de Ecoturismo].
- OLIVEIRA, J. E. de. 1996. *Guató ó Argonautas do Pantanal*. Porto Alegre : Edipucrs. (Arqueologia, 2)
- OLIVEIRA, J. E. de; ARAÚJO, R. P. de. 1997. *Diagnóstico Sócio-ambiental da Área Indígena Guató (Ilha Ínsua) ó Relatório de Viagem de Campo*. Dourados : UFMS-CEUD/ECOIA-CAAP. (não publicado)
- OLIVEIRA, J. E. de. 1998. *A Importância da Palmeira Acuri para os Índios Guató*. Internet : www.pantanal.com.br [Pantanal Website].

- PALÁCIO, A. P. 1984. *Guatú ó A Língua dos Índios Canoeiros do Rio Paraguai*. Campinas : UNICAMP. Tese de Doutorado.
- PALÁCIO, A. P. 1984. *Situação dos Índios Guatú em Janeiro de 1984*. Campinas, Abr. (não publicado)
- RIBEIRO, D. 1986. *Os Índios e a Civilização ó A Integração das Populações Indígenas no Brasil Moderno*. 5ª ed. Petrópolis : Vozes.
- RIBEIRO, D. 1957. Culturas e Línguas Indígenas do Brasil. *Educação e Ciências Sociais*. Boletim do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Rio de Janeiro : Centro de Pesquisas Educacionais, n.6, v.2, p.5-102, Nov.
- SCHMIDT, M. 1912. Reisen in Matto Grosso im Jahre 1910. *Zeitschrift für Ethnologie*. Berlin, Band 44, Helft 1, p.130-174.
- SCHMIDT, M. 1942a. Resultados de mi Tercera Expedición a los Guatús Efectuada en el Año de 1928. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*. Asunción : La Comena, t.5, n.6, p.41-75.
- SCHMIDT, M. 1942b. *Estudos de Etnologia Brasileira*. Tradução de Catharina Baratz Cannabrava. São Paulo : Companhia Editora Nacional.
- SUSNIK, B. 1972. Dimensiones Migratorias y Pautas Culturales de los Pueblos del Gran Chaco y de su Periferia (Enfoque Etnológico). *Suplemento Antropológico*. Asunción : Universidad Católica, n.1-2, v.7, p.85-107.
- SUSNIK, B. 1978. *Etnologia del Chaco Boreal y de su Periferia (Siglos XVI y XVIII)*. Asunción : Museo Etnográfico ðAndrés Barberoö. (Los Aborígenes del Paraguay, 1)